

O ENSINO DE FRANCÊS E DE LITERATURAS  
FRANCÓFONAS NA UFF: A DESCOBERTA DO OUTRO

**Maria Bernadette Thereza Velloso Porto**  
Universidade Federal Fluminense

O homem é o único ser que se sente só e o único que é busca de outro. (...) Por isso, cada vez que se sente a si mesmo, sente-se como carência do outro, como solidão.

Octavio Paz<sup>1</sup>

Segundo o texto bíblico, nas remotas origens da humanidade, o aparecimento das línguas estrangeiras teria sido forma de punição divina para combater o orgulho dos homens, engajados na construção de uma torre que se elevaria até os céus. Símbolo da confusão de vozes e da indistinção de discursos, a torre de Babel chegou aos nossos dias não só como índice do fracasso da ousadia humana e de seu impulso ascendente, mas sobretudo como marca da incomunicabilidade<sup>2</sup>. A partir da intervenção de Javé, isolados em suas falas, dispersos em suas línguas, os homens estariam condenados à solidão que os impediria de ter acesso a qualquer práxis coletiva.

Assim, a existência de línguas estrangeiras seria vista como um obstáculo às trocas: limitado em seu idioma materno, em sua solidão lingüística, o indivíduo estaria fechado para o exercício maior da alteridade. Ora, segundo o autor mexicano citado em nossa epígrafe, a experiência da solidão aponta para dois aspectos que constituem a própria dialética de viver. Se a solidão pode ser vivenciada como um castigo, ela não deixa de representar "a promessa de fim de nosso exílio"<sup>3</sup>. É pelo

fato de nos sabermos sós que conhecemos o apelo em direção ao Outro.

A revelação do Outro — questão essencial para quem estuda línguas e literaturas estrangeiras — é sempre muito complexa. É o que nos mostra Todorov em seu livro *A conquista da América*<sup>4</sup> onde analisa o encontro mais surpreendente da história: o que colocou face a face europeus e americanos, por ocasião do descobrimento e nos primeiros tempos do Novo Mundo. Imbuído de idéias preconcebidas e pouco interessado pelas línguas estrangeiras, Colombo teria descoberto a América, não os americanos<sup>5</sup>. Sabendo que “a conquista do saber leva à do poder”<sup>6</sup>, Cortez adotou uma atitude semiótica ao buscar inicialmente, não os bens dos astecas, mas sim, a compreensão de seus signos lingüísticos. Para tanto, sua primeira providência foi arranjar um intérprete — a figura polêmica da Malinche — que lhe traduziu as palavras, o comportamento e a visão de mundo expressos pela língua *nahuatl*. Logo, Cortez privilegia a linguagem na medida em que ela lhe proporciona os meios para manipular outrem, visto não como sujeito no sentido pleno, mas antes, reduzido ao *status* de mero objeto na história da conquista da América.

Os exemplos de Colombo, de Cortez e de tantos outros europeus que definiram o destino e o rosto dos povos americanos a partir de uma perspectiva redutora sugerem a importância do olhar quando se tecem relações em torno da figura do estrangeiro. Este assunto deve interessar-nos de modo particular, não só porque trabalhamos com a língua e a cultura do Outro, mas ainda porque somos também estrangeiros para quem nos vê de fora<sup>7</sup>.

Se retomarmos a pergunta do personagem de Montesquieu — “Comment peut-on être Persan?” — identificaremos a atualidade de sua inquietação<sup>8</sup>. Como “o discurso da diferença é um discurso difícil”<sup>9</sup>, justificam-se ainda hoje indagações do tipo “Como se pode ser brasileiro, alemão, quebequense, haitiano, senegalês, peruano, espanhol, etc.?” Parafrazeando Octavio Paz<sup>10</sup>, diria que o brasileiro, o alemão, o quebequense, o haitiano, etc. não são uma essência, mas definem-se a partir de uma história e de cruzamentos do olhar. Olhar de quem vê, de quem é visto e de quem se sabe visto.

Algumas vezes, o olhar estrangeiro nos permite ver, ou melhor, rever o que está ao alcance de nossas vistas, pois, como na música de Caetano Veloso, diante de nossa realidade cotidiana — no caso, a baía de Guanabara — somos cegos “de tanto vê-la”<sup>11</sup>. Em outras situações — muito mais freqüentes no destino de povos colonizados — o olhar do estrangeiro pousado sobre nós constitui uma ameaça pois, coisificando-nos e imobilizando-nos com a imposição de seus valores, impede-nos de descobrir a nossa real identidade<sup>12</sup>.

A confrontação com o Outro tende a se reduzir a duas situações-limite que prejudicam o estabelecimento de um encontro fecundo entre seres diferentes:

- a) no primeiro caso, o Outro é reconhecido como superior (cf. frases do tipo “Infelizmente não somos franceses — ou americanos”);
- b) No caso oposto, tende-se a negar ao Outro atributos considerados importantes, ou a lhe conferir componentes exóticos<sup>13</sup>. (cf. a representação do Brasil ou das Antilhas na França, por exemplo).

Após toda esta reflexão inicial, cabe-nos responder à pergunta: “Qual a ótica adotada pelos professores de língua francesa e literaturas francófonas da UFF nas suas atividades de ensino e pesquisa?”

Recusando-se a orientar unicamente para a França — foco de muitas atenções ao longo da história da educação brasileira — o nosso olhar se volta para povos considerados periféricos onde se fala francês. Trata-se de um olhar de “gente das cercanias”<sup>14</sup> que, surgindo do labirinto do Terceiro Mundo, busca — sobretudo em outros povos colonizados — as respostas para um possível diálogo. Diálogo de culturas que se distinguem e se complementam.

A ênfase atribuída aos estudos francófonos em nossos cursos de pós-graduação<sup>15</sup> confere à UFF um lugar pioneiro e um perfil próprio junto às universidades brasileiras. Além disso, a existência do Círculo de Estudos Francófonos, promovedor de cursos e seminários, e responsável pela publicação da revista *Cahiers du CEF* (já em seu terceiro número) contribui

para a divulgação de reflexões em torno da perspectiva adotada.

A título de ilustração, passo a apresentar, em linhas gerais, os objetivos que definem nossa atuação enquanto docentes e pesquisadores<sup>16</sup>:

- a) Valorizar a língua francesa como instrumento de acesso à descoberta do Outro;
- b) Levar em conta a multiplicidade de povos que se exprimem em francês, o que representa a recusa do ensino tradicional, voltado unicamente para a França;
- c) Recusar mitos apoiados no etnocentrismo que se referem à questão da língua (cf. o mito da existência dos donos da língua);
- d) Estabelecer relações entre a realidade brasileira e a de culturas marcadas pelo sistema colonial repressor e alienante;
- e) Estudar mitos de compensação surgidos no interior de comunidades colonizadas (cf. o “jeitinho” brasileiro, o “homem cordial”, a hospitalidade quebequense etc.);
- f) Combater o complexo de inferioridade e a alienação que se manifestam muitas vezes diante de uma língua estrangeira<sup>17</sup>;
- g) Identificar e analisar estereótipos que falseiam a nossa realidade e a realidade do Outro;
- h) Refletir sobre as relações entre “nós” (o nosso grupo social e cultural) e “os outros” (os que dele não fazem parte)<sup>18</sup>, o que nos leva à análise de categorias como “o familiar e o diferente”, “o universal e o relativo”, “o Mesmo e o Diverso”.

Assim, distanciando-nos da representação bíblica da torre de Babel, procuramos o intercâmbio de similitudes e diferenças, ou seja, o contato enriquecedor com o Outro, uma vez que o fato de termos acesso a culturas mais ou menos distantes nos leva a percorrer nossos próprios domínios simbólicos onde nos

aguarda nossa verdadeira identidade. Retomando versos de Drummond, diria que, sob uma face à primeira vista neutra — ou melhor, neutralizada pela ótica redutora de outrem — a nossa identidade tem mil faces secretas que nos acenam com promessas de revelação<sup>18</sup>.

## Notas

- 1 PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post-scriptum*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p.175
- 2 *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Edições Paulinas, 1985 (GEN.11, 1-9). Adotando uma ótica mais polêmica na leitura da imagem da torre de Babel, Jacques Derrida reconhece também aí um inacabamento, a impossibilidade de completar algo que seria da ordem da edificação, da construção arquitetônica (cf. *Psyché. Invention de l'autre*. Paris, Galilée, 1987, p.203)
- 3 PAZ, Octavio. op.cit., p.176
- 4 TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1988
- 5 Ibidem, p.29. Veja-se ainda: "Não será nada surpreendente notar a pouca atenção que Colombo dá às línguas estrangeiras (...) O que se torna ainda mais surpreendente na medida em que o próprio Colombo é poliglota, e ao mesmo tempo desprovido de língua materna: pratica tão bem (ou tão mal) o genovês, quanto o latim, o português e o espanhol (...)" Assumindo a errância — condição do estrangeiro (cf. KRISTEVA, J. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris, Fayard, 1988) — Colombo se desloca sucessivamente ao longo de sua vida. No livro *Os cães do paraíso*, ao encontrar o paraíso na América, Colombo rompe com a vivência do estrangeiro, o que, no entanto, é negado no fim do romance. "Purtroppo c'era il Paradiso" — mas, para o genovês errante, ele estava perdido. (cf. POSSE, Abel. *Os cães do paraíso*. Rio de Janeiro, Casa-Maria Editorial/LTC — Livros Técnicos e Científicos, 1989)
- 6 TODOROV, Tzvetan. op.cit., p.250
- 7 Além disto, todos nós já nos sentimos um dia estrangeiros diante do mundo. Como pensa Kristeva, "estranhamente o estrangeiro nos habita: ele é a face escondida de nossa identidade". (op.cit., p.9)
- 8 Cf. FIGUEIREDO, Eurídice. "Des clichés sur les Français et les Brésiliens". Intervenção na mesa-redonda "Brésil, France, Québec: images réciproques". VII SEDIFRALE — Belo Horizonte, 30/06 a 7/7 de 1989
- 9 TODOROV, Tzvetan. op.cit., p.61
- 10 PAZ, Octavio. op.cit., p.195
- 11 Trata-se da música "O estrangeiro", onde "bela e banguela", a baía de Guanabara é vista por diversos olhares estrangeiros que levam o poeta a repensar sua própria visão da mesma.
- 12 O pior é que freqüentemente incorporam-se passivamente ao repertório coletivo frases ditas por estrangeiros, como "O Brasil não é um país sério". Ao permitirmos, sem maiores reflexões, que o Outro nos defina, deixamos que ele tenha a última palavra sobre nós.

- 13 Como diz Kristeva, não se deve "procurar fixar, coisificar a estranheza do estrangeiro". (op.cit., p.11)
- 14 PAZ, Octavio. op.cit., p.197
- 15 Além dos dois créditos obrigatórios de Literaturas Francófonas no curso de graduação (Português-Francês), os nossos cursos de pós-graduação (Especialização e Mestrado) se apóiam inteiramente na leitura de autores francófonos (Antilhas, Quebec, África)
- 16 Retomo aqui, com modificações, os objetivos buscados na elaboração de dossiês contrastivos de civilização (Brasil-Quebec), organizados por mim e pela professora Vera Lúcia Soares. A este respeito cf. PORTO, M.B. "Em busca do país natal: diálogos entre Brasil e Quebec". In: *Cadernos do CEF/Cahiers du CEF. Le Québec vu du Brésil III*. Niterói, Círculo de Estudos Francófonos — UFF, 1988
- 17 Dilacerada entre "uns" e "outros", entre duas línguas "maternas" e "estrangeiras" (o português e o alemão), a personagem Gisela/Guisela é fruto de uma educação alienante de onde se originou seu mal estar existencial. (Cf. LUFT, Lya. *A asa esquerda do anjo*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987)
- 18 Cf. o poema "Procura da poesia". In: *A rosa do povo*, Rio de Janeiro, Ed.Record, 1984